



**sem retorno**  
Joaquim Coelho

## UMA DERROTA ENSINA MAIS DO QUE MIL VITÓRIAS (1ª parte)

Acerca de uma doente mental, dizia-me o patrício da Fuseta assim:

— Foda-se, esta já não lhe bastava ser preta, também tinha de ser muçulmana — e acrescentava, porventura convencido que eu lhe estava a achar grande piada —, o Afonso Henriques é que tinha razão.

Fruto, possivelmente, de um desejo de melhor ruminar (e, posteriormente, digerir) algumas das situações com que fui confrontado ao longo dos anos em que servi como — vamos chamar-lhe assim — Auxiliar de Acção Médica (AAM) em vários hospitais e clínicas de saúde mental, acontece por vezes, em situações sociais, vir à baila uma ou outra situação mais estranha de que me sirvo para ilustrar no que consistia a minha actividade profissional em Inglaterra até há aproximadamente seis meses atrás.

No meu CV costumava descrevê-la assim: *"permanecer, tanto quanto possível, mentalmente são, enquanto se ajuda pessoas que (pelos motivos mais variados) têm alguma dificuldade em fazer isso mesmo;"*

A verdade é que, nessas ocasiões, na maior parte das vezes, as reacções que recebo por parte dos meus interlocutores pouco variam em "género e em número" das ideias preconcebidas que eu próprio levava da primeira vez que entrei numa enfermaria de saúde mental — Daffodil de seu nome — no Langford Centre, em Bexhill, há alguns anos atrás.

Nessa noite assustadora, e apesar do treino básico que tinha recebido na agência, "saúde mental" ainda era para mim — há que dizê-lo — um conceito bastante indefinido e lato, que incluía no seu seio os estereótipos mais vulgares e inexactos, desde "o inocente da

aldeia", passando pelo "louco furioso" e acabando no "psicopata canibal", e considerei-me muito sortudo quando, ao fim de um turno de 12 horas, acabei por sair incólume do edifício.

Nunca o sol da manhã, baço e macambúzio do sul de Inglaterra, me pareceu tão prazenteiro.

Com o tempo, porém, acabei por me aperceber que as coisas não são assim tão lineares. Quero eu dizer com isto que um doente maníaco-depressivo sofre de uma maneira diferente de outro esquizofrénico, que por sua vez não tem nada em comum com um terceiro... Digamos, psicopata, ou o que quer que nos possamos lembrar... Bom, não têm em nada em comum a não ser nisso mesmo: no sofrimento.

Um jovem, filho ilegítimo de uma estrela da pop dos anos 80, que parte um taco de snooker ao meio e o espeta nas costas de um enfermeiro, não tem senão sofrimento em comum com uma mulher, na casa dos quarenta, que, à frente de duas AAM — sem qualquer emoção que lhe traia a face repleta de serenidade — morde, mastiga e engole a falange do seu dedo indicador direito.

Ser um cuidador significa (ao contrário do exemplo do "patrício da Fuseta" que abre este texto) que não se está acima dos pacientes, está-se ao lado deles. Arrogância e saúde mental não rimam.

Mas significa também nunca encarar os problemas no trabalho como pessoais.

Deixem-me exemplificar: **em princípio de Maio de 2019, um paciente de Ticehurst deu-me um soco nos queixos.**

E não o fez porque queria dar aquele soco a mim em particular... Nós até que nos dávamos bem. Até jogávamos à carta na sala de jantar e tudo. Mas ele ia dar aquele soco nos

queixos, de qualquer maneira, a quem estivesse lá naquele instante. Calhou-me a mim. A situação é tão simples — e tão importante — quanto isto: se o paciente que me deu o soco nos queixos estivesse mentalmente saudável, não estaria internado. Ponto final, parágrafo.

Pode ser extremamente frustrante ser AAM de saúde mental e, neste caso, foi mesmo! Até porque, como já dizia o outro

**(...) Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado**

**Para fora da possibilidade do soco. (...)**

Pois também eu nunca antes tinha sido agredido no exercício das minhas funções.

Ofensas verbais? Tive milhões. Ameaças à minha integridade física? Centenas. Tentativas de agressão... Uma dezena, talvez mais. Socos nos queixos? Um.


Que porra! Não podia ter sido nos queixos do outro imbecil da Fuseta?

NOTA FINAL: tenho sempre imenso receio que estas palavras que escrevo acerca da minha experiência enquanto auxiliar de saúde mental, se transformem numa procissão de *faits divers* — mais ou menos tragicômicos — ou, pior ainda, num mero inventário das bizarras que tive o azar de testemunhar.

Talvez por isso, decidi, se o editor da revista ainda assim o desejar, escrever apenas mais uma vez sobre este tema.

**CareStaff**  
bureau

Employee Name: JADIM PALMA POELOS Type: SUPPORT  
Workplace: PRIORITY TICESTURST, GARDEN CPT  
Address: TICESTURST Postcode: \_\_\_\_\_  
Invoice Address: \_\_\_\_\_

Date	Start Time	End Time	Break	Hours	Mileage/Travel	Signed Supervisor
Monday						
Tuesday 11/6/19	19.30	8.00	1.75	10.75		
Wednesday						
Thursday						
Friday						
Saturday						
Sunday						
			TOTAL	10.75		

TIMESHEETS MUST BE SUBMITTED EVERY MONDAY BEFORE 12 O'CLOCK NOON IN ORDER FOR WEEKLY PAY EVERY FRIDAY

All timesheets should be written accurately in CAPITAL LETTERS to avoid any future problems

Employee Signature: Jadim Palma Poelos Date: 12/6/19  
Supervisor Signature: \_\_\_\_\_ Date: 12/6/19  
Supervisor Name: \_\_\_\_\_

**2244834**